Não era amor, era cilada: confusões entre assédio e afeto nas interações heterossexuais[1]

It was a trap: confusions about harassment and affection i n heterosexual interactions

ADRIANA TULIO BAGGIO
É mestre em letras (UFPB, 2003) e doutora em comunicação e semiótica (PUC-SP, 2015). Atua como pesquisadora acadêmica e trabalhadora do texto. Escreve e traduz (italiano-português) nas áreas de semiótica, linguística, literatura, italianística e estudos de gênero. Está engajada, no presente, em investigação sobre a obra erudita de Giovanni Boccaccio. Neste ano de 2024 é pesquisadora-bolsista da Fundação Biblioteca Nacional.
E-mail: atbaggio@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0891805528342991
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5016-1289

RESUMO
Quando se fala em assédio sexual de rua, é comum a sua confusão com o flerte. Há também a dificuldade de se distinguir entre cordialidade e assédio no caso de cumprimentos ou pretensos elogios entre desconhecidos no espaço público. Diante dessas questões de sentido, este artigo se apoia na teoria semiótica das interações de E. Landowski (2014) para buscar compreender a diferença entre as interações pautadas no assédio e as interações amorosas. As análises mostram tipos de amor que correspondem aos regimes de acidente (amor à primeira vista), de manipulação (amor estratégico) e de ajustamento (amor confluente). Já o assédio parece constituir uma interação programada que, do ponto de vista do assediador, é baseada no papel temático determinado pela masculinidade hegemônica, não podendo ser confundida com o amor.

Palavras-chave: assédio sexual rua; regimes de interação; amor confluente.

ABSTRACT
When we talk about street harassment, it is common to confuse it with flirting. It is also difficult to distinguish between cordiality and harassment in the case of greetings or supposed compliments between strangers in public spaces. Faced with these questions of meaning, this article draws on E. Landowski's (2014) semiotic theory of interactions to understand the difference between harassing interactions and loving interactions. The analysis finds types of love that correspond to the regimes of accident (love at first sight), manipulation (strategic love) and adjustment (confluent love). Harassment, on the other hand, seems to be a programmed interaction which, from the harasser's point of view, is based on the thematic role determined by hegemonic masculinity and cannot be confused with love.

Keywords: sexual harassment; regimes of interaction; confluent love.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho completa uma pesquisa sobre assédio sexual de rua realizada entre 2015 e 2019. A investigação, de abordagem semiótica, analisou discursos manifestados em aplicativos de mapeamento de assédio e em diversos produtos comunicacionais que denunciavam ou davam visibilidade a essa prática, mostrando seu caráter de violência de gênero. No entanto, em diversas ocasiões de apresentação da pesquisa à comunidade científica houve reações de mitigação do estatuto de violência do assédio e do seu efeito prejudicial à vida das mulheres. Outra reação anotada foi o temor de que o enfrentamento ao assédio pudesse afastar homens genuinamente interessados amorosa ou sexualmente em mulheres desconhecidas que eles encontram na rua, tornando ainda mais difíceis para elas as oportunidades no mercado amoroso heterossexual.

Para mulheres assediadas, podem ser considerados atos de assédio tanto uma "passada de mão" quanto um "assobio", um grito de "linda!" recebido de um estranho na rua ou um olhar demorado e ostensivo[2] (BAGGIO; LUZ, 2019a). Outras pessoas, porém, talvez achem difícil classificar como assédio interações não abertamente ofensivas e que não envolvem contato físico. Nesse sentido, para melhor caracterizar o assédio talvez seja preciso observar, além do conteúdo e da aparência da interação, também a sua continuidade e duratividade. Como mostrado em outro trabalho (BAGGIO; LUZ, 2019b), o termo assédio no dicionário tem a ver com cerco, importunação, impertinência, insistência. Tais semantismos indicam que o assédio não se define apenas pelo quê foi feito, mas também pelos efeitos que causa na vida das mulheres: o impedimento à livre circulação, a restrição de percursos, o constrangimento. Pensar o assédio em seu aspecto de cerco ressalta ainda seu caráter geral e coletivo. O fenômeno do assédio se realiza não pela atitude de um único indivíduo, e sim pela soma de vários atos perpetrados por muitos indivíduos. Mesmo "cordiais", as interações não solicitadas quebram um dos principais pactos de garantia da urbanidade: o respeito à privacidade do outro quando estamos todos juntos no espaço público. Como bem explica um guia dirigido aos homens, "a não ser que o cara *sempre* diga oi *para todo mundo*, como fazem no interior, essa atitude [dar oi apenas para uma ou mais mulheres selecionadas] não tem nada a ver com ser amigável"[3] (BURNETT III, 2014, grifos meus).

Se tanto o assédio quanto o flerte são interações, para distinguir a interação assediadora daquela afetiva talvez seja produtivo considerar sob quais regimes de sentido elas ocorrem. Nos ajuda nisso o modelo semiótico elaborado por Eric Landowski, que articula quatro regimes de interação. Os regimes "[...] supõem todos, por definição, um face a face entre no mínimo dois atores e, entre eles, o desenvolvimento de processos muito diversos por intermédio dos quais ao menos um dos dois age sobre o outro" (LANDOWSKI, 2014, p. 95). No fenômeno aqui

estudado esses atores são homem e mulher, e se analisa a ação do primeiro sobre a segunda. A circunscrição às interações heterossexuais se justifica porque é no interior da lógica da matriz heterossexual que assédio e amor se confundem.[4] A visada a partir do sujeito atorializado como homem se deve tanto porque a maioria dos assédios é praticada por esse ator quanto pelo fato de que uma "cantada" de rua feita por uma mulher em relação ao homem não tem o efeito simétrico de afirmação da feminilidade normativa. Vale ressaltar que a metalinguagem semiótica contribui aqui para desindividualizar o sujeito atorializado como homem. O trabalho não fala de cada homem em particular e nem de todos os homens, mas sim, segundo minha proposição, de um papel temático cuja atuação é regida mais por programação do que por intencionalidade. O tema assumido por esse papel pode ser entendido como a masculinidade hegemônica de que tratam algumas vertentes dos estudos de gênero (CONNELL, 1997).

Em um primeiro momento, vamos assumir a "cilada" de confundir assédio com amor, tratando-os como pares opostos de uma mesma categoria semântica no modelo dos regimes de interação. Para fazer contraponto ao assédio, evoco o enredo amoroso do romance *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino (2002), bem como outros percursos narrativos presentes em filme, livro e música.

BREVE ACENO À TEORIA SEMIÓTICA DAS INTERAÇÕES

A interação na semiótica greimasiana é um face a face entre dois ou mais actantes no qual ao menos um age sobre o outro, e dessa ação resultam variados tipos de processos. As interações ocorrem no nível narrativo do percurso gerativo do sentido e são regidas, na teoria canônica, pelos princípios da regularidade (programação) e da intencionalidade (manipulação). Landowski (2014) amplia o modelo canônico incluindo também as interações fundadas na sensibilidade (ajustamento) e no acaso (acidente). Trata-se de um sistema dinâmico que demarca os pontos de passagem ou parada de certas trajetórias de "estilos de vida". Essas trajetórias podem ainda se desenvolver de forma elíptica dentro de uma mesma zona, por meio de uma recursividade (figura 1).

FIGURA 1: Regimes de interação e de sentido

Em vermelho, princípios fundadores de cada regime de interação; em verde, tipo de regência do fazer; em azul, a configuração espacial da interação; em laranja, o grau de risco e, em roxo, a densidade de sentido.

Fonte: elaborado pela autora a partir de dois diagramas de Landowski (2014, p. 80, 85).

O diagrama articula os pares opostos (eixos horizontais) e os pares implicados (eixos verticais) em sobredeterminações que têm a ver com macroformas de interação. Assim, programação e acidente são mais uma *co-incidência* entre actantes (sem a emergência de um *querer* do sujeito agente) do que propriamente uma interação. Nas co-incidências o sujeito não se pauta por competências para o fazer, mas realiza seu programa a partir de um papel pré-definido e estanque, que leva o outro a "ser" o papel correspondente na programação; no caso do acidente, esse papel é dado pelo acaso, pela aleatoriedade. A aproximação resultante não é articulada, ela mantém os dois actantes separados, apesar de juntos. Os regimes de sentido

para esse par tendem, na verdade, à carência de sentido que caracteriza tanto a segurança absoluta quanto o viver sempre em risco. Opõe-se a essa dupla aquela em que há uma interação propriamente dita, já que é apenas em seus regimes que os interactantes podem ser vistos efetivamente como sujeitos de pleno direito, competentes no fazer-fazer. Levados pela intenção estratégica (manipulação) ou pelo sentir o outro (ajustamento), sua articulação é *imbricada*. Há risco nessas interações, e também mais pregnância de sentido. A incidência do risco, vista de outra perspectiva, faz com que o par implicado no polo esquerdo da axiologia (programação e manipulação) seja da ordem da *prudência*, enquanto a implicação do lado direito (acidente e ajustamento) tem mais a ver com a *aventura*.

Na qualidade de um modelo, o diagrama dos regimes de interação apresenta relações de ordem sintáxica e mais geral que podem ser semantizadas e particularizadas, tanto para fins de entendimento das nossas interações no mundo quanto para testagem da teoria em si. Neste estudo a semantização concorre para a primeira finalidade, sem deixar de servir para a segunda. Ao pensar as questões de amor e assédio a partir do modelo das interações, operamos essa semantização atendendo a um dos princípios basilares da teoria semiótica: o sentido se dá pela diferença entre um par de elementos que, apesar de distintos, fazem parte de uma mesma categoria, sendo, portanto, comparáveis. Em um primeiro momento, vamos considerar amor e assédio como parte da mesma categoria. Já que os discursos mostrados na seção anterior manifestam essa confusão e veem as iniciativas de enfrentamento ao assédio como dificultadoras das interações amorosas heterossexuais,[5] a semantização "amorosa" do modelo sintáxico das interações parece ser uma escolha pertinente. Para observar como tudo isso acontece no diagrama, iniciamos o percurso pelo regime do acidente: o amor à primeira vista.

DO ACIDENTE À MANIPULAÇÃO, OU DO AMOR À PRIMEIRA VISTA AO AMOR ESTRATÉGICO

O regime do acidente funda-se no princípio da *aleatoriedade* e comporta tanto *riscos* cataclísmicos, sobre os quais nada podemos fazer, quanto riscos que corremos de forma consciente ou não ao interagirmos com as pessoas e com o ambiente. No primeiro caso estão os terremotos e furacões, por exemplo, e no segundo, conforme ilustração do próprio Landowski (2014, p. 71), o acidente feliz do sedutor que perde o "norte" ao se apaixonar. Note-se que não é o se apaixonar por alguém com quem o ator já convive: nesse regime não há nada que ligue

previamente os dois actantes. O que os faz interagir é o próprio *acidente*, ou seja, a co-incidência, o *cruzamento* inintencional, inesperado e aleatório de duas trajetórias. Tais trajetórias, por sua vez, são modificadas a partir desse encontro, e os actantes nada podem fazer para evitar o papel catastrófico representado pelo acaso. É o que acontece em *O cavaleiro inexistente*, o romance de Italo Calvino (2002) que tem como um de seus cenários uma batalha de Carlos Magno contra os mouros. Nessa batalha, o combatente iniciante Rambaldo é salvo por um guerreiro incógnito pois encerrado em sua armadura. Rambaldo está vagando a esmo após a batalha quando, sentindo sede, decide descer às margens de um rio. Vê por ali um cavalo, reconhece-o como a montaria do guerreiro salvador e olha em volta para procurá-lo. O que encontra, na verdade, é uma guerreira, Bradamante, e subitamente se apaixona por ela:

> Rambaldo não acreditava em seus olhos. Porque aquela nudez era de mulher: um liso ventre emplumado de ouro e redondas nádegas cor-de-rosa e rijas, e longas pernas de moça. […] Era uma mulher com harmoniosas luas, plumagem tenra e fluxo delicado. *Rambaldo apaixonou-se imediatamente* (CALVINO, 2002, p. 51-52, grifos meus).

No campo das relações românticas, o acidente parece ser aquilo que costumamos chamar de "amor à primeira vista". E, por ser um acidente, de fato houve risco para Rambaldo, quase atingido por um punhal atirado pela amazona, furiosa pela invasão da privacidade de suas abluções. Apesar da explícita rejeição, Rambaldo não desiste. Procura-a ansiosamente pelo acampamento, e quando a encontra se exercitando com arco e flecha, corre para desafiá-la. A interação entre eles passa, então, do acidente à *manipulação*, como é típico dos mitos (LANDOWSKI, 2014, p. 88). Se o primeiro encontro aconteceu independentemente da vontade deles, e se então eles se desconheciam, agora Rambaldo já a conhece e quer manipulá-la, ou seja, fazer-fazê-la sentir por ele o mesmo que sente por ela. Nesse ponto, já é dotado de uma *competência modal* (o saber de que partilham o sistema de valores da cavalaria) e pode contar com um pouco mais de previsibilidade do que o mero acaso do encontro anterior.

Na manipulação, o sujeito pode se servir de quatro tipos de estratégia: a sedução e a provocação (da ordem do ser), que propõem sobre o outro, respectivamente, um juízo positivo a ser confirmado ou um juízo negativo a ser revertido; e a tentação e a intimidação (da ordem do fazer), que propõem ao outro, respectivamente, uma recompensa ou um castigo. Na segunda interação, Rambaldo usa a provocação para tentar conquistar a guerreira, desafiando-a no arco e flecha, ou seja, pondo em dúvida a competência dela. Mas a fanfarronice não é um valor para ela e o contrato de manipulação não é aceito. Bradamante sente-se atraída pelo que é severo, exato e rigoroso, ou seja, pela rigidez de princípios, pela bravura e pela frieza de Agilulfo, o cavaleiro inexistente do título do romance. Com sua estratégia equivocada, Rambaldo cumpre o mesmo papel que os outros guerreiros que se aproximam dela, e nisso se converte em um exemplar de

papel temático, agindo conforme uma certa *programação*. Para a guerreira, todos os homens do agrupamento agem sem pensar, confortáveis em ter suas atitudes justificadas pelas regras que devem seguir, seja como guerreiros, seja como homens. Na visão de Bradamante, eles eram

> Homenzarrões suados, que participavam da guerra aproximativamente, com descuido, e logo que se viam fora do horário de serviço estavam sempre a embebedar-se ou a *se sacudir pesadamente atrás dela para ver quem ela escolheria para levar à tenda naquela noite*. Pois é sabido que a cavalaria é uma grande coisa mas os cavaleiros são um tanto palermas, habituados a realizar ações magnânimas mas no atacado, como calhar, logrando ficar por cima mas dentro das regras sacrossantas que haviam jurado cumprir e que, sendo tão bem definidas, *evitavam-lhes a fadiga de pensar* (CALVINO, 2002, p. 48, grifos meus).

Confortáveis no papel temático de guerreiro e no de "homem", os colegas de Bradamante agiam de modo programado, sem pensar ou sentir o que ela poderia querer de um parceiro amoroso ou sexual. Rambaldo age da mesma forma, oferecendo valores que dizem respeito a ele mesmo, e não a ela:

> "Estou aqui, jovem, pleno de amor, como pode meu amor não agradar-lhe, que deseja essa que não me toma, que não me ama, *que mais pode querer além daquilo que sinto poder e dever dar-lhe?*", e assim se enfurece e não consegue aceitar e num certo ponto a paixão por ela é também paixão por si próprio, é o apaixonar-se por aquilo que poderiam ser os dois juntos e não são (CALVINO, 2002, p. 67, grifos meus).

Na narrativa de Calvino, o mau jeito de Rambaldo o leva da manipulação ao regime de programação, mas essa passagem não é uma regra que se aplica a todas as interações amorosas. É no regime da manipulação que se encaixa boa parte das histórias de amor da literatura e do cinema com "finais felizes" (ainda que não se saiba se essa felicidade será durativa ou se haverá uma circulação pelos demais regimes). Lembro-me rapidamente de que no filme *10 coisas que odeio em você* (*10 Things I Hate About You,* 1999), de Gil Junger — baseado, por sua vez, n'*A megera domada* de William Shakespeare —, Patrick finge gostar das mesmas coisas que a "difícil" Kat para poder conquistá-la, em um emblemático exemplo de estratégia de sedução. Já no romance *A boa fortuna*, de Mary Gordon (2002), uma pintora sente-se não apenas sexualmente atraída, mas também tentada pelo homem que deseja ser seu amante e que oferece suporte material para que ela possa se dedicar apenas ao trabalho artístico. Apesar de calculado, o amor resultante dessas estratégias não é fruto de coação. Os actantes estão instaurados como sujeitos competentes e podem decidir sobre as trocas e os contratos que vão reger suas relações. Não cabe nem mesmo a condenação ao relacionamento "por interesse", pois o interesse sempre é recíproco.

Obviamente não se encaixam nesse caso — o das interações "saudáveis" — as estratégias de manipulação que resultam em lesão patrimonial, física, psicológica, emocional do outro, ou que se baseiam em assimetrias de poder que assujeitam um dos actantes. Diferentemente da

acepção negativa desta palavra no senso comum, na metalinguagem semiótica a intimidação é um tipo de manipulação que não tem a ver com assujeitamento. No caso aqui em pauta, que é o das interações amorosas, podemos pensar na canção de Erasmo Carlos: "você precisa de um homem pra chamar de seu, mesmo que esse homem seja eu" ("Mesmo que seja eu", do álbum *Amar pra viver, ou morrer de amor*, de 1982). Nessa narrativa, o eu-lírico se dirige a uma mulher que vive na solidão à espera de um homem idealizado, inexistente. Em contrapartida, o eu-lírico é real, está junto dela, é presente, toma atitudes práticas para diminuir a sua infelicidade, e aconselha: "antes mal acompanhada do que só". É uma intimidação que vem da sabedoria prática das avós, como menciona a música. Não é o actante-narrador quem fará a mulher ficar só caso ela não o aceite, é o "contrato social". O homem sugerido pelo "mal acompanhada" ou pelo verso "mesmo que esse homem seja eu" não é um sujeito ruim, um mau partido. É apenas um homem real, que se contrapõe à figura idealizada e inexistente, desejo imaturo que não cabe na vida adulta da mulher com quem o eu-lírico conversa.

DA MANIPULAÇÃO À PROGRAMAÇÃO, OU DO AMOR ESTRATÉGICO AO ASSÉDIO

Sobre a manipulação, Landowski (2014, p. 30) diz o seguinte:

> [...] toda escolha estratégica expressa essencialmente a maneira como o manipulador constrói a competência (volitiva, deôntica, cognitiva, epistêmica, etc.) do outro e o modo como localiza os pontos sensíveis, as falhas ou as zonas críticas, suscetíveis, a seus olhos, de fazer manipulável seu interlocutor. Sob o risco, evidentemente, de equivocar-se por completo.

O insucesso de Rambaldo pode ter sido um equívoco ao qual o manipulador está sujeito, ou então o fracasso de uma *manobra disfarçada de estratégia*: como vimos, Rambaldo age de forma *programada*, mas se justifica racionalizando suas abordagens como investidas estratégicas que estivessem considerando a volição de Bradamante. Um conhecimento profundo do querer do parceiro, a ponto de abarcar também suas determinações, leva a um tipo de instrumentalização que começa a afastar a interação do campo do *estratégico* e a aproximá-la da *manobra*. "Como pode meu amor não agradar-lhe?", "que mais pode querer?", questiona um Rambaldo enfurecido, sem procurar observar os valores que seriam atraentes ao outro sujeito da interação estratégica. Ele age como se tivesse esse profundo conhecer do querer da guerreira, tomando-a mais como uma representante de um certo *papel temático* do que como uma parceira estratégica.

Voltando à passagem do regime de manipulação ao de programação: já vimos que os tipos de manipulação não têm a ver com a opressão e com o assujeitamento do outro. Testemos isso considerando o assédio sexual no trabalho, que pode parecer uma manipulação por intimidação (a pessoa será castigada caso não cumpra o "contrato"): "aceite minha investida ou então você será demitida/colocada de lado/mantida sem promoção e sem aumento etc.". O entendimento de que a mulher é quase que inerentemente vulnerável a essa intimidação tem a ver com a construção não de uma *competência volitiva* (sempre presente nas interações de manipulação, mesmo na intimidação), mas de um *papel temático* do feminino[6] que é relacional ao do masculino. Estaríamos na ordem da *manobra*, não da *manipulação*. Os casos de Rambaldo e do assédio no trabalho ilustram a visão de Landowski de que não existe entre manipulação e programação um limite muito nítido. *Manipular* ou *manobrar* é uma escolha que pode ser entendida como individual ou cultural, mas nunca da natureza (não é culpa dos hormônios, da necessidade sexual masculina etc.). O que vai determinar a opção por uma ou outra forma de interação "[...] não é dado no plano ontológico mas resulta de uma construção efetuada pelo observador" (LANDOWSKI, 2014, p. 33). Se esse observador, na semantização aqui proposta, atua não a partir de competências próprias, mas sim do automatismo de um papel temático determinado culturalmente (o do homem na masculinidade hegemônica), irá construir para a mulher o papel temático correspondente a essa interação, ou melhor, a essa *co-incidência*.

Apesar de a programação ser definida a partir de regularidades de comportamento determinadas, e de que é manobrável não apenas um ator-objeto, mas também aquele humano, Landowski identifica um tipo de programação que tem mais a ver com o assédio sexual de rua do que a programação pura e simples: trata-se da *programação motivada* (ou *motivação programada*), que conjuga programação de ordem simbólica e motivação de ordem consensual. Continua sendo uma manobra automatizada e dessemantizada, mas que, se for preciso, será racionalizada pelo ator como tendo um objetivo, uma razão de ser. Daí a dificuldade, segundo o autor, de diferenciar manipulação de programação, estratégia de manobra.

A dinâmica da programação motivada pode ser percebida quando se acompanha as justificativas dadas por alguns homens durante uma roda de conversa sobre assédio exibida no documentário *Chega de Fiu-Fiu* (2018). Todos concordavam que se masturbar em público ou "encoxar", por exemplo, são atos de assédio. Mas se surpreendem quando o moderador da conversa classifica da mesma forma os elogios, os assobios, os "bom dia". A primeira reação deles é defender o direito de abordar mulheres desconhecidas na rua, sugerindo um comportamento baseado na programação. Se a mulher tem o direito de estar na rua, o homem tem o direito de mexer com ela. E, com base nessa determinação, qualquer oposição ao exercício desse "direito" é vista como uma afronta, o que pode gerar outras agressões. Instados a pensar sobre o outro

actante (a mulher) e a racionalizar o próprio comportamento, a manobra passa a ser justificada por uma motivação: eles mexem com as mulheres "porque elas gostam, elas pedem por isso". A roupa que usam é a expressão dessa volição. Devolvidas à condição de sujeitos dotados de competência, às mulheres é atribuído um saber sobre o contrato — que, como mostrei em outra ocasião (BAGGIO, 2021), é falso e impossível de ser cumprido — e um querer as suas derivações. Mais uma vez, porém, o moderador pede que reflitam sobre essa lógica e sobre o direito que as mulheres deveriam ter de vestir o que bem entendessem, sem serem molestadas por isso. A racionalização, agora, passa pela alegação da falta de um saber: "nunca pensei que isso incomodasse". Mas a resposta foge da questão inicial, que tem a ver com *a volição deles*, e não do outro: "por que *vocês* fazem isso?". Vem então a capitulação: "a gente sabe que não vai dar nada, a gente quer aparecer para os outros, para os amigos". Os homens dessa roda de conversa, *semi-programados-semi-motivados*, são do tipo que

> [...] mantém sua reflexão sob reserva por trás do que faz ou, o que é quase o mesmo, age esquecendo (ou talvez só com a condição de esquecer) que está fazendo o que ele escolheu fazer – ele mesmo ou o Outro (o destinador) em quem confia. Chamemo-lo Senhor Todo-Mundo. [...] Sem ter que se interrogar, executa-se o programa como um todo não analisado, convencido de que é a própria maneira, a maneira "natural" de fazer (LANDOWSKI, 2014, p. 42).

Essa constatação de que o assédio é algo feito "porque todo mundo faz" e "só para aparecer" é reiterada em um vídeo intitulado "Se cantadas revelassem a verdade" (SE CANTADAS, 2016). Nessa breve ficção satírica, diversos homens abordam mulheres na rua, mas em vez de elogios ou outros enunciados típicos, o que sai da boca deles são "confissões" sobre o que, na realidade, quer dizer cada "cantada". Por exemplo: "Ô gatinha, se eu não te tratar feito um pedaço de carne meu amigo aqui vai achar que eu sou boiola". A se acreditar nesse vídeo e nos depoimentos do documentário *Chega de Fiu-Fiu*, o que está na base do assédio não é galanteio e nem flerte, e sim a confirmação da adesão a um certo tipo de masculinidade que depende de 1) abordar mulheres desconhecidas e 2) fazer isso diante de outros. Não difere muito dos rituais de virilidade definidos por Pierre Bourdieu (2012, p. 63-67): o exercício da violência coletiva, particularmente contra a mulher, testemunhada e validada por outros homens. O ritual, a coisa certa a se fazer, é a programação de uma certa masculinidade. Se a programação implica perda de sentido, por outro lado ela resulta em mais segurança. Dessa forma, o papel temático do assediador e o papel temático que ele atribui à mulher determinam como as relações devem acontecer e o mantém na condição de superioridade que é o prêmio pelo ônus do exercício da masculinidade hegemônica. Por outro lado, não há interação sem risco. O *risco da programação* acontece, segundo Landowski, quando um eventual *fracasso* revela, *a posteriori*, o valor que estava em jogo. Pode-se então descobrir que esse valor é inestimável ou praticamente nulo (LANDOWSKI, 2014, p. 98-99). O

que a reação de algumas mulheres e da sociedade ao assédio pode estar gerando em termos de fracasso é a constatação, por parte do assediador, de que sua masculinidade não é afirmativa o suficiente, e então sua resposta será atuar recursivamente, operando o papel temático de maneira ainda mais forte, aumentando a gravidade das agressões. É a escalada da violência contra a mulher que culmina no estupro e no feminicídio. Uma outra possibilidade é o assediador perceber que a masculinidade que pauta suas atitudes não tem mais tanto valor nem para os outros e nem para si. Como salienta Bourdieu (2012), o aspecto violento da virilidade não é o único constituinte da masculinidade, e nem esse tipo de virilidade é benéfico aos homens. Se os aspectos violentos da masculinidade hegemônica perdem valor, pode ocorrer também que a trajetória se dirija do regime de programação para o de ajustamento.

DA PROGRAMAÇÃO AO AJUSTAMENTO, OU DO ASSÉDIO AO AMOR

Na semantização aqui em pauta, o ajustamento corresponderia ao tipo de relacionamento que Anthony Giddens (1993) chama de amor confluente. O amor confluente se opõe ao amor romântico, típico das relações heterossexuais, que prevê uma inferioridade e uma submissão da mulher em relação ao homem. Observado primeiramente nos casais homossexuais, para quem a lógica baseada na diferença de gênero e nas questões de reprodução e de papéis sexuais do trabalho não faz sentido, o amor confluente passou a ocorrer também entre os heterossexuais a partir, especialmente, da entrada maciça da mulher no mercado de trabalho, do dispositivo do divórcio e da difusão das tecnologias de contracepção.

Nas interações por ajustamento, proporcional à realização é também o risco, pois

> [...] sob esse regime, nenhum dos atores planeja exatamente, de forma antecipada, aquilo que deverá resultar da interação com seu parceiro. [...] O objetivo fundamental dos participantes não consiste aqui, para nenhum deles, em fazer com que o outro realize um programa preestabelecido em detalhe. No que concerne às possibilidades da emergência de efeitos de sentido inéditos, isso constitui por si só uma liberação! (LANDOWSKI, 2014, p. 53).

No ajustamento a ação ou reação em relação ao outro é dirigida não à liquidação de uma falta, e sim à gratificação mútua. Ela acontece a partir da sensibilidade para o que o outro faz, seus avanços e recuos. Isso implica conceder ao outro e a si o mais absoluto estatuto de sujeito, instaurando uma democratização radical (GIDDENS, 2014, p. 200) da vida pessoal, entendida como uma equalização do poder no relacionamento heterossexual e o estabelecimento

de limites, prerrogativas e responsabilidades simétricos. Uma abordagem tendo esse horizonte e esses princípios em vista seria aquela que coloca atenção sensível e cognitiva no outro, em busca de sinais que permitam a aproximação. No enredo de *O cavaleiro inexistente*, é quando Rambaldo *se ajusta* à amada — quando se torna *sujeito* ele próprio, e não mais um *programado-motivado* que disfarça a própria insegurança e egoísmo na expressão do desejo pelo outro — que Bradamante passa a reagir sensivelmente a ele. No livro que Bradamante escreve (justamente aquele em que estamos lendo a história deles), a pena corre velozmente sobre o papel para que Rambaldo chegue mais rápido ao mosteiro onde ela, vivendo como monja, o espera. O final do livro marca o final do percurso elíptico de Rambaldo pelos quatro regimes de interação e de sentido: do *acidente* (o amor à primeira vista, quando vê Bradamente no rio) à *manipulação* (as tentativas de provocá-la e de seduzi-la), que logo se confunde com uma manobra pautada pela *programação* (ao não entender que as volições da guerreira podem ser diferentes daquelas que ele atribui a ela), chegando enfim ao *ajustamento*. A semantização desses regimes enquanto interações heterossexuais ficaria então assim (figura 2):

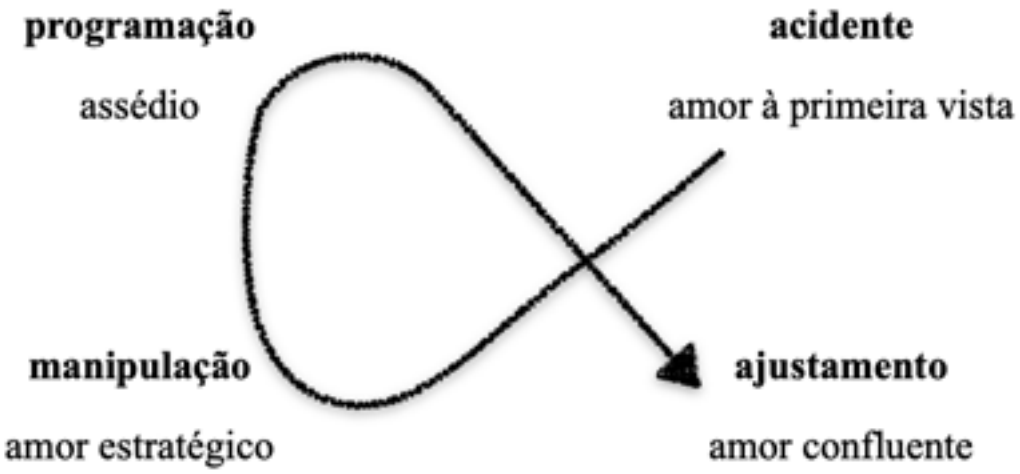

FIGURA 2: Amor e assédio no diagrama dos regimes de interação e de sentido
Fonte: a autora (2024).

Na zona do acidente, o amor à primeira vista, o mais arriscado e insensato de todos; no âmbito da manipulação, o amor estratégico, mais seguro, o mais comum nas narrativas emblemáticas da cultura popular; na mesma condição que este em termos de consideração do outro como sujeito — só que muito mais prenhe de sentido — vem o amor confluente, construído na base da sensibilidade recíproca. Quanto ao último tipo, o baseado na programação, não se pode chamar de amor. Na proposta comparativa deste trabalho, é o lugar ocupado pelo assédio. Aceitando-se

que o assédio não é comparável, nem como oposto, ao amor, deve-se exclui-lo da categoria que conjuga o par de contrários. Seria necessário então dois complementos a esta análise: 1) pensar que tipo de relação amorosa seria demarcada pelo regime de programação, deixado vago pela impertinência do assédio na categoria semântica do amor (talvez um relacionamento in-significante porque os interactantes já não se surpreendem, não se "manipulam", não se ajustam, apenas atuam no automático dos papéis temáticos?) e 2) elaborar um diagrama que semantizasse as interações entre homens e mulheres desconhecidos no espaço público. Nesse diagrama, o assédio continuaria situado na programação. Para o ajustamento, sugerimos o seguinte comportamento interacional na rua: ao reconhecer o desconforto de alguém e perceber que tal desconforto é causado por nós, deveríamos modificar nossa atitude. Algumas figurativizações de desconforto de mulheres na rua, destinadas pelo receio de assédio, são o andar apressado, os olhos baixos, os ombros encolhidos, a mudança de calçada quando da aproximação de um homem. Diminuir o passo, antecipar-se e mudar de calçada antes dela, afastar-se para evitar contato corporal são alguns dos exemplos da sensibilidade reativa já adotada por alguns homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o apoio de narrativas de ficção e das práticas de vida, o que este trabalho pretendeu mostrar, especificamente, é que o assédio sexual de rua, mesmo nas suas formas mais "brandas" e aparentemente cordiais, não se confunde com o tipo de abordagem afetiva que entende a mulher como sujeito autônomo e competente. As abordagens do assédio não têm por objetivo cortejar a mulher; mais ainda, não têm qualquer outro objetivo que possa ser correspondido por essa mulher em sua condição de sujeito. O objetivo parece ter a ver com a manutenção de um tipo de masculinidade que depende de constranger a mulher a um certo papel temático, colocando-a em posição de vulnerabilidade e desconforto não apenas momentâneos, mas permanentes. As práticas que caracterizam essa performance são realizadas de modo programado e preferencialmente de forma pública e/ou coletiva. Na qualidade de uma interação programada e eventualmente ritualizada, seus efeitos não conseguem ser obtidos por atitudes individuais e pontuais: dependem de abrangência espacial, duratividade temporal e pluralidade atorial. Se as abordagens na rua fossem exceção e tivessem um aspecto de particularidade — se fossem localizadas, pontuais e individualizadas —, elas poderiam ser entendidas como estratégias de conquista de um sujeito em relação ao outro. Mas a reiteração, a recursividade da violência

em caso de rejeição e o próprio discurso dos sujeitos assediadores revelam que este não é o caso. Debruçar-se sobre o sentido dessas interações nos mostra que não há como confundir assédio com flerte; por isso, não é preciso temer o enfrentamento ao assédio. Mostra ainda que tampouco as causas do assédio são unicamente ou mesmo principalmente individuais. Isso faz toda a diferença no direcionamento de iniciativas que tenham a real intenção de resolver o problema. Por fim, é importante assinalar que a percepção de ausência ou menor incidência de efeitos do assédio em mulheres que não circulam a pé pelas cidades e que não usam transporte público talvez explique a dificuldade de algumas delas em entender o caráter de violência do assédio. Tal como outros, o assédio é um problema com recorte não apenas de gênero, mas também de classe e de raça.

REFERÊNCIAS

ASSÉDIO sexual com jeitinho brasileiro. *VEJA*, São Paulo, ano 28, n. 1379, 15 fev. 1995, p. 81.

BADINTER, E. *Rumo equivocado*: o feminismo e alguns destinos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BAGGIO, Adriana Tulio; LUZ, Nanci Stancki da. A dimensão política do assédio sexual de rua: aplicativos de mapeamento como iniciativas de cidade inteligente. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 1, p. 132-151, 2019a. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/160193. Acesso em: 14 jan. 2024.

BAGGIO, Adriana Tulio; LUZ, Nanci Stancki da. A impunidade do assédio sexual de rua: um vácuo jurídico sustentado pela cultura da violência contra a mulher. *In*: BERTOTTI, Barbara M. *et al.* (org.). *Gênero e resistência*: memórias do II Encontro de Pesquisa Por/de/sobre Mulheres. Vol. 2. Porto Alegre: Editora Fi, 2019b. p. 331-352. Disponível em: https://www.editorafi.org/524resistencia. Acesso em: 14 jan. 2024.

BAGGIO, Adriana Tulio. Amor, assédio e outras interações heterossexuais. *In*: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Sociossemiótica III*: interação, mídia e cultura participativa. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2021a. p. 269-294.

BAGGIO, Adriana Tulio. Discursos sobre assédio sexual de rua e seu diálogo com o contrato semiótico de responsabilização da vítima. *Acta Semiotica et Lingvistica*, a. 45, v. 26, n. 1, p. 72-87, 2021b. Disponível em: https://doi.org/10.22478/ufpb.2446-7006.45v26n1.57776. Acesso em: 14 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BURNETT III, Zaron. A Gentleman's Guide To Street Harassment. *Human Parts*, 12 nov. 2014. Disponível em: https://humanparts.medium.com/a-gentlemans-guide-to-street-harassment-fbab3410b340. Acesso em: 14 jan. 2024.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVINO, Italo. *O cavaleiro inexistente*. Tradução de Nilson Moulin. 1. reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

CHEGA de Fiu-Fiu. Direção Amanda Kamanchek Lemos e Fernanda Frazão. Realização Brodagem Filmes e Think Olga. Brasil, 2018. 73 min.

CONNELL, Raewyn. La organización social de la masculinidad. *In*: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (org.). *Masculinidad/es*: poder y crisis. Santiago: Isis/Flacso, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

GOLDBERG, Jacob Pinheiro citado em reportagem de LEMOS, Nina; TAMBELLINI, Karina. E aí, gostosa? *TPM*, São Paulo, ano 7, n. 74, mar. 2008, p. 32.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*: ensaios de sociossemiótica. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. Tradução de Luiza Helena O. da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, CPS, 2014.

SE CANTADAS revelassem a verdade. *Canal DR Oficial*, 3 mar. 2016. 1'38". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bbEc5rKYHDA. Acesso em 14 jan. 2024.

[1] Este artigo é uma versão atualizada e profundamente revisada de capítulo publicado originalmente na coletânea *Sociossemiótica III: interação, mídia e cultura participativa* (BAGGIO, 2021a).

[2] Sobre o olhar como violação, ver, por exemplo, Landowski (1992, p. 98) e reportagens nas revistas *Veja* (ASSÉDIO, 1995, p. 81) e *TPM* (GOLDBERG, 2008, p. 32).

[3] Tradução nossa para: "But unless that guy says hello to everyone all the time, like a Midwesterner, it's not about being friendly". A citação completa fala também da questão da insistência, que pode transformar em tortura algo que é aparentemente cortesia: "Saying hello is like a single drop of water. It's harmless, it's natural, it's inconsequential, and yet it can also be an implement of torture. And certainly, if a man says hello to a woman he fancies even though she's given no sign of interest, that is a selfish act. It's an attempt to mask his desire for her attention behind a veil of courtesy" (BURNETT III, 2014).

[4] No âmbito da heterossexualidade se definem as performances prescritivas de masculinidade e feminilidade, os papéis de homens e mulheres, bem como o poder e a superioridade dos primeiros e o controle do corpo e dos comportamentos delas, tendo como base o relacionamento modelar do casamento e da constituição da família nuclear tradicional (BUTLER, 2003, p. 216, nota 6).

[5] Élisabeth Badinter (2005, p. 40-42), por exemplo, entende que investidas sexuais indesejadas fazem parte da natureza e até mesmo da cultura; que a atenção sexual indesejada é o preço que se paga para eventualmente receber aquela que será correspondida; e que a denúncia dessas abordagens não seria uma denúncia de uma violência, mas sim do próprio princípio da virilidade.

[6] Lembrando sempre que, conforme pontuado no início, estamos observando as interações a partir das atitudes do sujeito homem nas interações heterossexuais. O comportamento programado do sujeito homem não significa que sempre resultará em um comportamento programado do sujeito mulher. Mas o ponto de partida da interação do assédio é baseado no princípio da programação por parte do sujeito que colocamos em observação neste trabalho.